

A RELAÇÃO ENTRE AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA DE RIBEIRÃO PRETO ENTRE OS ANOS 1900 E 1930

1º AUTOR

GLERIA, Ana Carolina. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Docente na UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto -, e no CUML - Centro Universitário Moura Lacerda; – São Paulo, Brasil. anacarolinagleria@hotmail.com

RESUMO

A partir do final do século XIX, a cidade de Ribeirão Preto foi marcada pelo incremento intensivo da lavoura cafeeira, que fomentou o desenvolvimento da cidade e sua região, ativando transformações sociais e culturais e permitindo o surgimento de uma nova burguesia agrícola empresarial. Após o advento da economia cafeeira, a cidade de Ribeirão Preto entra no século XX, diante de novas possibilidades que a recente economia oferecia. Durante este período, podemos observar a relação da evolução da cidade com a produção arquitetônica financiada, direta ou indiretamente, pela economia exportadora capitalista, baseada na monocultura do café e no transporte ferroviário. Este trabalho procura analisar os fatores de transformação da cidade, bem como as mudanças na produção arquitetônica e urbanística, características do período de 1900 e 1930 na cidade em Ribeirão Preto, decorrentes, portanto, da cultura gerada a partir do capital cafeeiro.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo; Ribeirão Preto; Economia cafeeira.

ABSTRACT

From the late nineteenth century, the city of Ribeirão Preto was marked by intensive increment of the coffee crop, which fostered the development of the city and its region, activating social and cultural transformations and allowing the emergence of a new bourgeoisie agricultural business. After the advent of the coffee economy, the city of Ribeirão Preto enters the new century before the recent economic possibilities offered. During this period we can observe the evolution of the city's relationship with the architectural production financed directly or indirectly by the capitalist export economy based on monoculture coffee and rail transport. This paper analyzes the factors of transformation of the city, as well as changes in the architectural and urban production, characteristics of the period from 1900 to 1930 in the city of Ribeirão Preto, arising therefore of culture generated from the coffee capital.

Keywords: Architecture and Urbanism; Ribeirão Preto; coffee economy.

RESUMEN

Desde finales del siglo XIX, la ciudad de Ribeirão Preto estuvo marcada por el desarrollo intensivo de la cosecha de café, que fomentó el desarrollo de la ciudad y su región, la activación de las transformaciones sociales y culturales, y permitir el surgimiento de una nueva burguesía comercial agrícola. Después de la llegada de la economía del café, la ciudad de Ribeirão Preto entra en el nuevo siglo antes de que las posibilidades económicas recientes ofrecidos. Durante este período se puede observar la evolución de la relación de la ciudad con la producción arquitectónica financiada directa o indirectamente por la economía capitalista basada en la exportación de café monocultivo y el transporte ferroviario. En este trabajo se analizan los factores de transformación de la ciudad, así como los cambios en la producción arquitectónica y urbana, características del período de 1900 a 1930 en la ciudad de Ribeirão Preto, surgiendo así la cultura generada desde la capital del café.

Palabras clave: Arquitectura y Urbanismo; Ribeirão Preto; economía cafetera.

A RELAÇÃO ENTRE AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA DE RIBEIRÃO PRETO ENTRE OS ANOS 1900 E 1930

INTRODUÇÃO

A fundação da cidade de Ribeirão Preto ocorreu em 19 de junho de 1856¹, através de doação de terras para o patrimônio eclesiástico em região onde já havia um conglomerado consolidado de fazendas, cortado pela estrada que demandava o Estado de São Paulo, o Triângulo Mineiro e o Planalto Goiano. A produção de café foi a primeira atividade agrícola de economia intensiva da cidade, visto que até então, os habitantes da região viviam da agricultura de subsistência e da pecuária (LOPES, 2011, p. 38).

A expansão das terras de produção cafeeira para o interior do Estado de São Paulo, que ficou conhecida como “marcha para o Oeste”, é resultado do declínio da produção cafeeira na região do Vale do Paraíba, devido ao esgotamento dos solos, desgastado pelo modo de plantio. Outro fator característico deste declínio foi a abolição da escravatura, visto que a mão de obra destas propriedades era formada setenta por cento por escravos (MONBEIG, 1984, p. 24).

As plantações de café chegaram a Ribeirão Preto durante a década de 1860, porém o que inicia a economia cafeeira na cidade foi a formação da estrada de ferro, a Companhia Mogiana, em 1872, efetivamente inaugurada na cidade de Ribeirão Preto em 1883, e sobre a qual Cione (1987, p. 186) afirma ter sido fator de grande desenvolvimento. A chegada da ferrovia foi, portanto, um marco na história de Ribeirão Preto, ao facilitar a expansão da cultura cafeeira. Como o transporte do

¹ Conforme Lei Municipal nº 386, de 24 de dezembro de 1954.

produto através de tropeiros era caro e moroso, até a chegada da ferrovia havia poucos fazendeiros na região, e a produção não era tão numerosa.

A ocupação destes novos territórios era liderada por grandes fazendeiros, com características que não se assemelham aos produtores das primeiras ocupações no Vale do Paraíba. Uma elite empresarial se afirma nos anos da Primeira República, formada inicialmente com o capital das exportações de café. Muitos nomes tradicionais aparecem em diversos ramos, nos indicando a concentração de riqueza paulista nas mãos de um grupo relativamente reduzido de famílias (SAES, 2010, p. 56).

Entende-se como “centro dinâmico da economia” aquele que determina o nível de produto, renda, emprego e investimento do cenário econômico e, conseqüentemente, o ritmo de crescimento desta economia. Destaca-se a participação de outros investimentos na cidade de Ribeirão Preto, como a Cervejaria Paulista, e a própria Companhia Mogiana, que geravam a movimentação financeira, inclusive de renda advinda de terras de outras regiões, porém até aquele momento o centro dinâmico encontrava-se na economia voltada para exportação de café e a importação de bens de consumo. A cultura cafeeira sofreu com a crise, porém ainda registrou-se a presença da produção agrícola do café até algumas décadas depois. Em decorrência da crise cafeeira, houve a desvalorização da moeda e iniciou-se o processo de substituição das importações, atendendo a demanda do mercado interno e transformando, no final da década de 1930, a indústria como “novo centro dinâmico da economia” (FURTADO, 1987).

Assim ocorreu na cidade de Ribeirão Preto, onde os coronéis do café, como eram denominados, exerceram, durante o final do século XIX até 1930, cargos políticos importantes. Estabeleceram-se na cidade construindo palacetes e investindo na infraestrutura urbana, modificando assim a paisagem. Esta nova elite foi um dos maiores fatores de transformação cultural e arquitetônica da cidade, importando modismos europeus.

O presente artigo visa debater as questões da relação entre a evolução da cidade e a produção arquitetônica e, para tal, propomos a divisão do trabalho em duas partes. A primeira tem a finalidade de abordar os reflexos das transformações econômico-sociais, no ambiente urbano; e a segunda, discutir estes reflexos na produção arquitetônica, amarrando-as conclusivamente nas considerações finais.

1. TRANSFORMAÇÕES URBANAS

O município de Ribeirão Preto quando criado, era uma área muito extensa, abrangendo as seguintes localidades: Ribeirão Preto, Sertãozinho, Cruz das Posses, Pontal, Cravinhos, Guatapar, Bonfim Paulista, Serrana, Serra Azul e Dumont (GAETANI, 1999). Todas essas localidades se emanciparam formando novos municípios. Sua ocupação inicialmente era esparsa, porém com a chegada de imigrantes para o trabalho nas lavouras cafeeiras, a população crescia aceleradamente. Segundo Lopes (2011), em 1874, o município possuía 5.552 habitantes. Em 1886, o número de habitantes quase dobrou, passando para 10.420. De 1886 até 1900 se deu o maior aumento e a população já totalizava 59.195 habitantes. De 1900 até 1934 esse número passou para 81.565.

Segundo Cione (1995, p. 119), além das transformações no ambiente agrário local e regional, o advento do café fez surgir novas estruturas humanas e econmicas. O autor acrescenta ainda que o maior representante da Belle poque, na cidade de Ribeirão Preto, teria sido Francisco Cassoulet. Francs de meia-idade, Cassoulet foi o responsável pela abertura do primeiro café cantante e, logo depois, do famoso Cassino Antártica. A vida noturna e cultural da cidade era muito movimentada. Era uma época de luxo e luxúria, além de grandes apresentações no Teatro Carlos Gomes, construído pelo “rei do café”, Francisco Schmidt.

Não resta dvida de que o café foi a mola propulsora do grande progresso material e mesmo cultural de Ribeirão Preto. A cidade cresceu em torno do café e pelo café. Chegou a ser conhecida, não são no Brasil, o que fez com que muitos

procurassem a localidade para fixar residência; mas também na Europa, onde levas de imigrantes, de muitas nacionalidades, tais como, italianos, germânicos, sírios, libaneses, gregos, espanhóis, judeus, ingleses, franceses, etc. para aqui voltassem suas vistas, e, sobretudo, para o chamado do mundo do dinheiro e dos bons divertimentos. (CIONE, 1987, p. 147)

Para Faria (2010, p. 22), a modernização sanitária, estética e disciplinar que foi sendo estruturada, mediante programas de melhoramentos e embelezamentos, constitui parte fundamental para legitimação da cidade burguesa, da cidade moderna. Assim como houve essas transformações sociais e culturais, advindas do surgimento de uma nova burguesia agrícola empresarial, formada pelos produtores cafeeiros, afetando as cidades paulistas no início do século XX, também houve transformações na evolução urbana e na produção arquitetônica vigente no período.

No mesmo ritmo, transformar a paisagem urbana, modelá-la numa nova forma de arquitetura inspirada na arte europeia de construir; encetar os saneamentos das cidades; organizar o sistema de saúde pública e o calçamento das ruas; enfim, tornar a saúde imune às epidemias, proceder o saneamento das águas e a instalação da energia elétrica para a iluminação residencial e das vias públicas, substituir por lâmpadas elétricas a luz mortífera dos lampiões a gás; modificar o sistema de transportes dos bondes puxados por burros, pelos movidos a eletricidade. (...) O Brasil começara a europeizar-se num sentido novo de vida. (CIONE, 1995 p. 29)

Nos primeiros anos após sua criação, o município de Ribeirão Preto dispunha de poucos recursos e muitas obras a fazer. A cidade não possuía calçamento, iluminação, abastecimento de água e nem serviço de esgoto. Não havia sede da Câmara e nem da cadeia pública, apenas a igreja matriz. No início do século XX, a perspectiva urbana já apresentava algumas melhorias. A conclusão da construção de alguns edifícios públicos como: a câmara municipal, o cemitério, o mercado

municipal e o hospital de isolamento. A infraestrutura básica, como redes de esgoto e fornecimento de água, teve seu primeiro grande plano no ano de 1895 (LOPES, 2011).

A cidade de Ribeirão Preto entra no século XX ainda com uma precária condição sanitária. De fato, as primeiras obras do século na cidade estão ligadas à reestruturação do sistema sanitário; em seguida foram sendo realizadas as obras referentes à drenagem e limpeza dos córregos, com alguns trechos canalizados para a passagem da linha ferroviária Mogiana (LOPES, 2011, p. 62).

Segundo Caun (2010, p. 59), a urbanização de Ribeirão Preto “desenvolveu-se de forma ambígua, fundada num ambiente extremamente difuso, rude e repleto de nuances”. A autora afirma em seu estudo que, a nova elite começou a exigir, no final do século XIX, símbolos de modernidade da Belle Époque, como o embelezamento da cidade, mediante os preceitos europeus, enquanto a cidade ainda apresentava uma precária condição sanitária, necessitando de obras ligadas à reestruturação do sistema sanitário. Corrobora o autor Faria (2010, p. 62) ao afirmar que o poder público priorizava questões de embelezamento, optando pela transformação da imagem da cidade e deixando de lado os emergentes problemas sanitários e de infraestrutura urbana.

Acreditava-se na necessidade modernizar as cidades, que eram vistas como palcos para o espetáculo da modernidade, tanto no comportamento social quanto no exibicionismo das novidades. Reis (2001, p. 106) também retrata essa transformação, chamando-a de “construção de um cenário burguês”, onde a modernização técnica criava espaços com cenários “semiparisenses” para o desfrute de uma classe social em ascensão.

Portanto, simultaneamente às obras de infraestrutura primária deu-se, nos primeiros anos do século XX, o início das obras de embelezamento da cidade. O então prefeito encomendou ao engenheiro Flávio Mendonça Uchôa, a elaboração de um projeto de ampliação do jardim da Praça XV de Novembro, assim se deu o início

das obras de calçamento com paralelepípedos das ruas, acompanhado pelas obras nas áreas das calçadas.



Figura 1: Praça XV de Novembro vista a partir da rua General Osório. Ano: 1920.
Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Caun (2011, p. 50) aponta também transformações no plano urbanístico durante o período, originadas por essa mudança cultural como, por exemplo, a intervenção na malha urbana seguindo preceitos de Haussmann, e a intenção de transformar a cidade de Ribeirão Preto em uma Petit Paris. Afirma, ainda que “a arquitetura, resultado da ascensão do ecletismo francês na segunda metade do século XIX, foi integrada no plano urbanístico da cidade”.

Apropriando-se dos projetos urbanísticos empreendidos por Haussmann em Paris (aeração, arborização, higienização do espaço urbano), tal qual Pereira Passos no

Rio de Janeiro - irmão mais velho do prefeito municipal Macedo Bittencourt, utilizando a régua e o compasso, Antônio Soares Romêo interveio parcialmente numa malha urbana em processo de transformação, desenhada desde finais do século XIX. Pressupõe-se, assim, uma revisão da cidade baseada em princípios ordenadores e remodeladores dos espaços urbanos, inspirados em modelos europeus. (CAUN, 2011 p. 50)



Figura 2: Vista aérea da cidade de Ribeirão Preto na década de 1930. Panorama de parte do centro, avenida do Café e avenida Francisco Junqueira, mostrando o traçado urbano linear e centralidade de grandes marcos, como a Praça XV, após a intervenção do engenheiro Antônio Soares Romêo.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Apurou-se que a fonte de renda municipal para a realização destas obras públicas provinha – a maior parcela – de impostos urbanos. Em seguida vinham os empréstimos, as rendas do abastecimento e, por último, o imposto de cafeeiros. Este imposto sobre a produção cafeeira era recolhido com base no número de pés de café plantados no município, e apesar de apresentar uma contribuição direta pequena, sua influência para o crescimento da cidade era indiretamente muito

relevante. O desenvolvimento do comércio local só foi possível devido aos salários dos trabalhadores rurais, que durante esse período residiam nas cidades ou, mesmo quando moravam na área rural, recorriam às áreas urbanas para a compra de alimentos de subsistência, uma vez que as fazendas do período eram baseadas na monocultura do café. (LOPES, 2011, p. 83)

A situação das exportações de café influenciava indiretamente a arrecadação de impostos urbanos, pois um desempenho favorável nas exportações de café geraria uma renda maior para os cafeicultores e os trabalhadores da cafeicultura, proporcionando um maior gasto no comércio local e facilitando assim o recolhimento de impostos. (LOPES, 2011, p. 83)

Fato também explicitado em diversos documentos era a configuração da plutocracia na cidade, com poder público nas mãos dos fazendeiros ligados à produção cafeeira, que ocupavam cargos administrativos da cidade. Alguns exemplos são os fazendeiros Manuel da Cunha Diniz Junqueira e Rodrigo Pereira Barreto que exerceram por anos cargos políticos na cidade. Em função desta política, os impostos sobre a colheita cafeeira não eram reajustados com o passar dos anos, e os investimentos nas questões públicas foram direcionados para obra de interesse privado.

Gaetani (1999) afirma que os grandes produtores de café investiam constantemente na cidade, onde mantinham suas residências, financiando não apenas a infraestrutura, mas também equipamentos urbanos como teatro e escolas. Na cidade de Ribeirão Preto podemos citar o Teatro Carlos Gomes e depois o Theatro Pedro II. Para Faria (2010, p. 63), o Teatro Carlos Gomes, projetado pelo escritório de Ramos de Azevedo foi o maior símbolo do poder econômico local, assumindo um caráter ideológico, naquela sociedade que buscava a modernização do espaço urbano e se transformando em referência social e estética.

Sendo assim, diversos fatores relacionados à economia cafeeira contribuíram para a evolução urbana da cidade. A chegada da ferrovia, ainda no final do século XIX,

patrocinada pelos próprios cafeicultores que, além de fundadores eram acionistas, encontrava-se em plena expansão nos primeiros anos do século XX, e proporcionava para a cidade o transporte e a comunicação com a capital e o porto de Santos. A ferrovia trouxe, além de mão de obra para as lavouras, o cosmopolitismo das elites baseado nas culturas europeias (LOPES, 2011).



Figura 3: Rua General Osório vista a partir da rua Tibiriçá, década de 1930.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Caun (2011, p. 68) sinaliza em seu estudo a participação do engenheiro Antônio Soares Romêo. Sua atividade profissional na cidade de Ribeirão Preto, na Diretoria de Obras, teve início no ano de 1913. Formado na Universidade Politécnica de São Paulo, frequentou as aulas ministradas pelo arquiteto Ramos de Azevedo, acrescentando assim à sua formação, ensinamentos acadêmicos como o embelezamento e a estética na apresentação das construções, vigentes na prática

de Ramos de Azevedo, célebre pela difusão do estilo eclético na cidade de São Paulo.

Construindo a cidade com praças, ruas, jardins, prédios, sistemas de água e esgotos, pontes, arborizações e canalização de rios, além de sua habilidade para edificações de grande porte, Antônio Soares Romêo ajudou na modernização de Ribeirão Preto, otimizando a vontade de poder de uma sociedade amparada pela lucratividade cafeeira e pelas ações dos coronéis. (CAUN, 2011, p. 68)

A hipótese criada por Caun (2011) é a da produção cafeeira como promotora do processo urbano na cidade de Ribeirão Preto, nos primeiros acordos da República (1890-92). Entretanto, reforço com a colocação de que as transformações urbanas nos anos que se seguiram foram também decorrentes deste sistema econômico, com a influência direta ou indireta do capital na cidade.



Figura 4: Avenida Jerônimo Gonçalves vista a partir do telhado da Cia. Cervejaria Paulista. Na direita estão a praça Schmidt, a estação Ribeirão Preto e o armazém da Mogiana, década de 1930. Podemos observar o arruamento das calçadas, a iluminação urbana e a canalização do rio, finalizadas.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

2. PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA

Lemos (1999) afirma que “o café foi um verdadeiro divisor de águas na vida cultural em geral e na civilização material em particular de São Paulo”. Consecutivamente com a mudança social, a economia cafeeira trouxe diversas transformações na arquitetura do Estado de São Paulo, tanto no partido arquitetônico, quanto na inserção de novas técnicas construtivas, trazidas pelos imigrantes.

Segundo Homem (1996) as edificações rurais não eram a única moradia desta nova elite econômica, sendo muitas vezes utilizadas mais como residência de veraneio, pois seu espírito empreendedor vinculava-a aos centros urbanos. O palacete paulistano é decorrente do modo de vida e das formas de morar, trazidos pela economia exportadora capitalista, baseada na monocultura do café e no transporte ferroviário. A nova burguesia paulista, conformada pela elite cafeeira, que agora possuía perfil administrativo de vários investimentos, encontra o significado desta nova sociedade na civilté, ou seja, ser civilizado era possuir boas maneiras, saber e praticar a etiqueta, conter as emoções e seguir as regras de discrição e polidez. Os programas do palacete revelaram este ideário burguês, com instituição da higiene pública e a separação dos papéis femininos e masculinos; a individualização da casa e a conciliação dos estilos, espelhando o êxito socioeconômico do proprietário.

No cenário da cidade de Ribeirão Preto, até o início do século XX, as edificações possuíam características simples, com um resultado estético monótono e repetitivo. Porém, apesar de tardio se comparado com a caracterização arquitetônica da época na capital paulista, a cidade começa vagarosamente a demonstrar sua posição rica e próspera. O precursor desta transformação arquitetônica foi o Teatro Carlos Gomes, projetado pelo arquiteto Ramos de Azevedo e construído ainda nos últimos anos do século XIX.

A partir da virada do século, o maior contingente das residências e das edificações públicas construídas na cidade de Ribeirão Preto passou a adotar o ecletismo como apropriação da cultura estrangeira, principalmente pela nova burguesia que tinha interesse em demonstrar a nova posição da cidade através de uma arquitetura luxuosa.

Patetta (2007, p. 7) em seu livro *L'architettura dell'eclettismo*, publicado pela primeira vez em 1975, inicia suas considerações sobre o ecletismo com a definição de ser uma produção arquitetônica em que os arquitetos adotavam diversos estilos ou utilizavam os estilos de maneira a criar uma composição. Rocha-Peixoto (2000, p. 7) se alinha com a definição e afirma que assim como o neoclassicismo, o eclético também é uma vertente acadêmica que acertou seu repertório acomodando várias referências no tempo, variando e mesclando as referências utilizadas. Define as diferenças entre o neoclassicismo e o ecletismo a partir da caracterização do neoclássico como: “expressão de ordem, disciplina, contenção, equilíbrio, razão e nobreza”; e do eclético como: “dramaticidade, conforto, expressividade, luxo, emoção e exuberância”.

Um exemplo claro desta adoção do partido eclético, na cidade de Ribeirão Preto, foi a construção do Paço Municipal, também denominado Palácio Rio Branco, em 1917, pelo engenheiro Antônio Soares Romêo e auxiliado pelo construtor José Michelletti, onde procuraram seguir as linhas do Teatro Carlos Gomes. O edifício, que abrigava a Câmara Municipal e a Prefeitura, mostra um trabalho cuidadoso e minucioso nos detalhes decorativos, tanto nas partes externas como internas.

No piso térreo foram instaladas a prefeitura, instrução pública, contadoria, repartição de obras, biblioteca, tesouraria e portaria; no piso superior ficavam as salas: de sessões da Câmara, das comissões e do presidente e prefeito, além de um salão nobre decorado pelo pintor Torquato Bassi. Colaboradores na construção do prédio: o pintor Carlo Barberi, José Barbosa e Mario Nakamura na carpintaria, e

José Pontan na execução da fachada. O mobiliário e a tapeçaria foram adquiridos no Liceu de Artes e Ofício, na Casa Alemã e no Domingos Innechi & Filho.

Sua praça frontal também compõe, de maneira indissociável, o conjunto arquitetônico. Caun (2011, p. 82) estabelece um paralelo arquitetônico com o Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo e com o Hotel de Ville, em Paris, ambos destinados para os governos dos respectivos municípios.



Figura 5: Palácio Rio Branco. O Paço Municipal: Câmara e Prefeitura foram inauguradas em 1917.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Antecedente ao Palácio Rio Branco está a construção da Catedral de Ribeirão Preto. Projetada pelo arquiteto Carlos Eckman, após o vencimento de um concurso público, que incluía a participação de Victor Dubugras. Após o término da construção foi edificado, também em 1911, o Palácio Episcopal – ambos no estilo eclético. Estas obras tiveram uma significativa importância na agregação do núcleo

urbano, devido ao fato de atrair a audiência de diversas residências de classe média e alta que se estabeleceram ao seu redor.

Acompanhando o ecletismo vigente e ao mesmo tempo impondo-se pelo tamanho e uma privilegiada implantação solta dentro do terreno, com uma consequente valorização da obra, através dos jardins circundantes, obteve-se como resultado, solidez e poder próprios para a igreja na época. (MERCADANTE, 1988, p. 102)

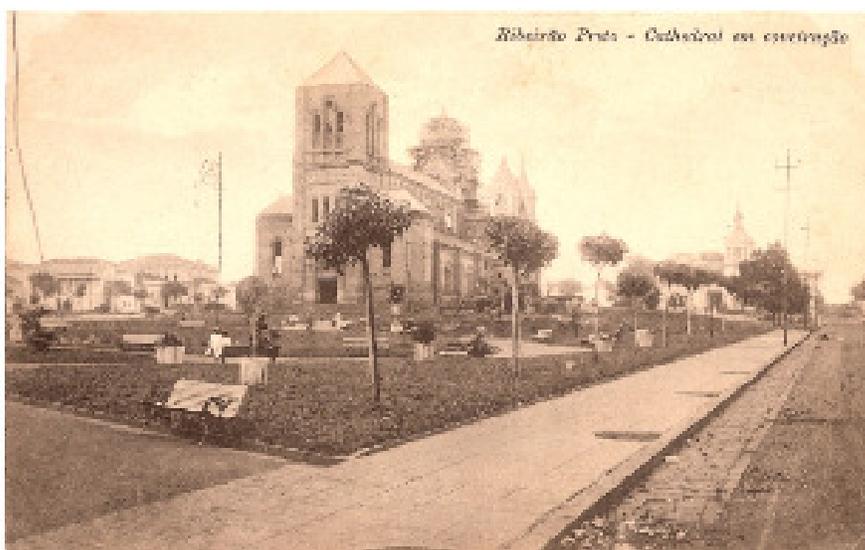


Figura 6: Catedral de São Sebastião, ainda em construção, vista a partir da rua Tibiriçá. Ano: 1912.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.



Figura 7: Palácio Episcopal construído também nas primeiras décadas do século XX.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Segundo Gaetani (1999) nesse período revelou-se uma nítida diferença entre a casa térrea e a casa assobradada, em relação ao padrão de construção. As edificações do tipo sobrado sempre representavam a classe social mais alta e, a cada ano, as fachadas eram mais ricamente trabalhadas com decorações de massa, executadas principalmente por artesões italianos vindos da imigração. A implantação das edificações de baixo e médio padrão era quase sempre alinhada ao passeio e encostada em uma lateral do terreno. Nos recuos frontais e laterais dessas moradias, a existência de jardins vem demonstrar, juntamente com o aparecimento das varandas, uma nova interpretação da vegetação nas casas.

As mudanças na arquitetura começam, segundo Lemos (1999, p. 134), de dentro para fora, ou seja, foram introduzidos no seu interior equipamentos domiciliares importados, assim como elementos decorativos. Ainda segundo o autor, a principal mudança no partido arquitetônico foi a renovação do programa de necessidades, onde houve a substituição do resguardo da intimidade familiar por um maior

convívio social, inspirada na civilidade dos centros europeus. O pesquisador Mercadante (1988) explicita a transformação do programa de necessidades na cidade de Ribeirão Preto através do surgimento de bibliotecas, escritórios, bem como a instituição do abrigo do mais importante símbolo de status do século XX, o automóvel.

Porém, durante esse período, não foram edificadas apenas construções ecléticas. Na década de 1920 chega à cidade de Ribeirão Preto informações sobre o estilo Art Nouveau. O movimento representava uma ruptura com o passado eclético, visando o fim das imitações estilísticas existentes. Adotava o uso de novos materiais como o cimento e o ferro, utilizados para a criação de novas formas. A residência projetada pelo arquiteto Alfredo Pujol, para o Coronel Quito Junqueira, é um exemplo desta arquitetura na cidade. Segundo Mercadante (1999), a casa incorpora o Art Nouveau através de seus elementos decorativos, como vitrais das escadas e dos banheiros, onde o ferro recebe um tratamento artesanal; e nas aplicações de gesso que acompanham as pinturas nos mesmos temas.

A obra de maior vulto do período áureo do café, idealizado e financiado pela Cervejaria Paulista, foi o chamado Quarteirão Paulista, também projeto assinado por Alfredo Pujol. O projeto previa a construção dos edifícios Meira Júnior e Theatro Pedro II, e a reforma no Central Hotel, que viria a se chamar Palace Hotel. Entretanto, diferenciando-se sua proposta estética, o conjunto foi edificado no ano de 1928 sob os preceitos do ecletismo.

Para que os três edifícios formassem um conjunto com a mesma linguagem arquitetônica, o arquiteto propôs algumas modificações no Hotel Central. Foram aplicados diversos elementos decorativos na fachada, como frontões e florões, acompanhando as ornamentações dos demais edifícios que formariam o Quarteirão Paulista. As varandas de esquina foram fechadas, a entrada recebeu um toldo de vidro similar ao do Theatro Pedro II e uma cúpula igual ao do edifício Meira Júnior foi construída. (SUNEGA, 2002, p. 100)

Para Sunega (2002, pp. 112-113), o Theatro Pedro II, construído em cimento armado, se tornou o principal edifício do conjunto, sendo não apenas centro político e cultural da cidade, mas também marco arquitetônico de Ribeirão Preto. E afirma: “O teatro surgia como edificação monumental importante que representava o progresso da cidade, tão desejado pela sociedade, e da Companhia Paulista”.

A diferença nos estilos adotados e das técnicas construtivas utilizadas, entre a obra da residência do Coronel Quito Junqueira e o Theatro Pedro II, pode ser justificada com a afirmação de Sunega (2002, p. 59), de que o arquiteto se preocupava, além dos estilos arquitetônicos adotados, com as inovações técnicas utilizadas, desenvolvidas das experiências no Gabinete de Resistência dos Materiais na Escola Politécnica de São Paulo.



Figura 8: Quarteirão Paulista. Theatro Pedro II ao centro, década de 1930.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Outra edificação projetada por Alfredo Pujol se trata do Palacete Inecchi, construído em 1930. Gaetani (1999, p. XX) afirma que a construção possui o estilo fiorentino e que o arquiteto trouxe para a cidade as características arquitetônicas em vigor durante o seu período na capital. Paschoal Inecchi era um imigrante e enriqueceu no país como comerciante e, posteriormente, industrial. Sua residência com 1.250 m² se tornou palco de reuniões da alta sociedade até a década de 1950 quando foi vendida para a prefeitura municipal e acabou demolida na década de 1970.



Figura 9: Palacete Inecchi ao fundo, década de 1930.

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto.

Encerrando esta pequena amostragem das edificações construídas no período áureo da economia cafeeira, focamos outro projeto eclético (não concluído). Trata-se da nova estação de Ribeirão Preto, que pretendia ser tão importante quanto a estação da Luz em São Paulo. O escritório de Ramos de Azevedo chegou a apresentar, em 1910, a maquete da edificação, mas infelizmente o projeto não seguiu adiante.



Figura 10: Projeto de Ramos de Azevedo para a construção da estação ferroviária de Ribeirão Preto. O projeto não foi executado.

Fonte: Ribeirão Preto: memória fotográfica. Livro comemorativo aos 129 anos da cidade. Ribeirão Preto: Editora Colégio, 1985, p. 41.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais e culturais causadas pelo surgimento de uma nova burguesia agrícola empresarial, formada por produtores cafeeiros, pelas quais a cidade de Ribeirão Preto atravessa, no início do século XX, podem ser observadas na evolução urbana e na produção arquitetônica vigente no período.

A presença de uma ideologia europeia na arquitetura e no urbanismo deixa evidente a finalidade de legitimar o status desta burguesia, que era a maior beneficiária de todos os fatores do projeto: desde a vida noturna propiciada pelo Theatro Pedro II às melhorias na infraestrutura, construção e ajardinamento de praças para passeios diários.

No panorama urbano ocorreu, portanto, políticas de embelezamento, com a construção de um cenário burguês; e na produção arquitetônica, as intenções estéticas apresentadas foram o ecletismo e o Art Nouveau. Ambas as transformações urbanas e arquitetônicas foram manifestações do processo

civilizador, que aspirava trazer os ares de modernidade para a cidade. A nova elite valorizava a ordem e hábitos de higiene pessoal, diferenciação entre os espaços domésticos e públicos, bem como a divisão dos papéis sociais e o respeito à hierarquia, todos os preceitos evidenciados nas novas construções do período.

A edificação do espaço em Ribeirão Preto foi construída no período através da interferência de muitas faces: a nova burguesia composta pelo cafeicultor, o imigrante trabalhador rural e construtor, e o comerciante; contudo, o ambiente urbano e as construções arquitetônicas seguiam o mesmo ritmo em busca da tão desejada modernidade, se configurando então na alcunha de “Capital do Café”.

REFERÊNCIAS

CAUN, Elaine Cristina. O engenheiro Antônio Soares Romêo e a modernização urbana de Ribeirão Preto nos tempos do café (1913-1923). Franca: UNESP, 2010.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. Volume I. Ribeirão Preto: IMAG Gráfica e Editora, 1987.

CIONE, Rubem. **História de Ribeirão Preto**. Volume IV. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa Ltda., 1995.

FARIA, Rodrigo Santos de. **Ribeirão Preto, uma cidade em construção** - O discurso da higiene, beleza e disciplina na modernização Entre Rios (1895-1930). São Paulo: Annablume, 2010.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

GAETANI, Marcelo. **Arquitetura residencial no centro da cidade de Ribeirão Preto no período de 1915 a 1945**. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira (1867-1918). São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEMONS, Carlos A. C. **Casa Paulista: histórias das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo, EDUSP, 1999.

LOPES, Luciana S. **Ribeirão Preto: a dinâmica da economia cafeeira de 1870 a 1930.**

Coleção Nossa História V1. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011.

MERCADANTE JUNIOR, Carlos Maurício Dias. **Características do desenvolvimento arquitetônico de Ribeirão Preto (1856-1960).** Dissertação (Mestrado apresentado no departamento de Arquitetura) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1988.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo.** Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: Ed. Hucitec/Ed. Polis, 1984.

PATETTA, Luciano. **L'architettura dell'ecllettismo: fonti, teorie, modelli 1750-1900.** Milano. Maggioli Editore, 2007.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Urbanização e Modernidade: Entre o Passado e o Futuro (1808-1945).** In: MOTA, Carlos Guilherme S. da (Coord.). (Org.). Viagem Incompleta - A Experiência Brasileira (1500-2000) - A grande transação. 1ª ed. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução. In CZAJKOWSKI, Jorge Paul (Org.). **Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro.** Coleção Guias da Arquitetura no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2000.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **O estado de São Paulo no século XX: café, indústria e finanças na dinâmica da economia paulista.** In: ODÁLIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro (Orgs.). História do Estado de São Paulo / A Formação da Unidade Paulista - vl. 2 República. São Paulo: UNESP; Imprensa oficial; Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

SUNEGA, Renata Alves. **Quarteirão Paulista: um conjunto harmônico de edifícios monumentais.** Dissertação (Mestrado apresentado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.